

MULHERES E ENVELHECIMENTO NA CULTURA BRASILEIRA

Mirian Goldenberg*

Resumo

Neste texto, discuto o papel do corpo como uma importante forma de capital (físico, simbólico e social) na cultura brasileira. Busco revelar os traços distintivos de uma cultura em que o corpo é um elemento crucial na construção de uma identidade nacional. Pode-se afirmar que, no Brasil, o corpo é um capital, talvez o mais desejado por indivíduos das camadas médias urbanas e também das camadas mais baixas, que percebem o corpo como um veículo fundamental para a ascensão social, e também uma forma importante de capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e no mercado erótico.

Palavras-chave: Gênero. Corpo. Capital. Casamento. Envelhecimento.

Abstract

In this text I discuss the role of the body as an important form of (physical, symbolic, and social) capital in Brazilian culture. I try to lay out the distinguishing traits of a culture in which the body is a crucial element in the construction of a national identity. It can be said that in Brazil the body is a capital, maybe the most desired one by the urban middle class and also lower strata, which perceive the body as a fundamental vehicle for social ascension, and also an important form of capital in the job, spousal, and erotic markets.

Keywords: Gender. Body. Capital. Marriage. Ageing.

Introdução

Ao realizar uma pesquisa sobre as novas formas de vida conjugal e de sexualidade entre homens e mulheres da camada média urbana do Rio de Janeiro, nas duas últimas décadas, tenho sido constantemente surpreendida pela frequência com que a categoria “o corpo” está presente no discurso dos meus interlocutores.

É importante reconhecer que não é possível generalizar a ideia de que “o corpo” é um importante valor na cultura brasileira como um todo. Essa ideia está presente de uma forma muito forte em um determinado segmento da classe média brasileira e, em particular, entre os moradores do Rio de Janeiro.

* Doutora, Professora do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais), UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Este é um segmento muito pequeno do Brasil que pode ser descrito como predominantemente branco, heterossexual, com nível universitário, com uma renda alta, moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro e, especialmente, nos bairros mais ricos (Leblon, Ipanema, Gávea, Lagoa, Jardim Botânico, Botafogo, Copacabana, Humaitá). Essas pessoas constituem uma elite econômica, intelectual e cultural no Brasil.

No entanto, esses indivíduos também são muitas vezes de vanguarda para o comportamento de inúmeros brasileiros, pois o que eles fazem é valorizado e reproduzido por outros segmentos da população. Este grupo está, portanto, composto de indivíduos que são imitados por outros. Seu comportamento e seus corpos estão constantemente retratados como normativos na mídia e, especialmente, nas telenovelas, programas como Big Brother Brasil etc.

Estes indivíduos têm poder econômico, político, cultural e simbólico. Eles podem, conseqüentemente, criar e reproduzir corpos que são socialmente legitimados. Eles também constroem seus corpos, a fim de serem desejados, invejados e imitados.

Não posso dizer, portanto, que o grupo pesquisado possui "típicos corpos brasileiros", mas posso dizer que o corpo capital apresentado por este grupo é de longe o corpo mais imitado pelos brasileiros em geral e, especialmente, por mulheres brasileiras.

Eu iniciei essa reflexão no meu livro *Nu & Vestido* (2002), junto com o antropólogo Marcelo Silva Ramos. Focalizando as relações de gênero, tentamos analisar comparativamente as expectativas, desejos afetivos e estereótipos sexuais de homens e mulheres de diferentes gerações, no pressuposto de que a visão de mundo e o modo de vida deste estrato social têm um efeito multiplicador que vai muito além de seus limites de classe, o que sugere que ele pode ser útil para revelar em termos mais amplos as transformações atualmente experimentadas pela sociedade brasileira.

O corpo como capital na cultura brasileira

No Brasil, o corpo é um capital. Elaborei esta ideia a partir das pesquisas que realizei, nas duas últimas décadas, sobre as relações de gênero na sociedade brasileira. Descobri que determinado modelo de corpo é uma riqueza, talvez a mais desejada pelos

Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 25, n. 2 - Jul./Dez. 2012 – ISSN online 1981-3082

indivíduos das camadas médias e também das camadas mais pobres, que percebem o corpo como um importante veículo de ascensão social e, também, como um capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e no mercado sexual.

Na cultura brasileira, além de um capital físico, o corpo é, também, um capital simbólico, um capital econômico e um capital social.

Meu argumento central é que, no Brasil, determinado modelo de corpo, que o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2007) chamaria de um corpo distintivo, é um capital: um corpo jovem, magro, em boa forma, sexy; um corpo que distingue como superior aquele que o possui; um corpo conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício.

Pierre Bourdieu (2007) afirmou que as espécies de capital (econômico, cultural, social, político, simbólico, físico, entre outros) são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado. A cada campo corresponde uma espécie de capital particular, ou mais de uma, que funciona como poder e como algo em jogo, neste campo. Portanto, diferentes campos colocam em jogo diferentes capitais, podendo um capital ser extremamente valioso em um campo e não ter o menor valor em outro. No Brasil contemporâneo, acredito que o corpo funciona como um importante capital nos mais diversos campos, mesmo naqueles em que, aparentemente, ele não seria um poder ou um mecanismo de distinção.

Ao analisar o mecanismo de distinção entre os indivíduos, Bourdieu (2007) afirmou que em uma sociedade diferenciada não se trata apenas de diferir do comum, mas de diferir diferentemente. Para o autor, a relação de distinção se encontra objetivamente inscrita no corpo, sendo o corpo um bem simbólico que pode receber valores muito diferentes segundo o mercado em que está colocado. Bourdieu (2007) constatou que as atitudes corporais consideradas como naturalmente “naturais” são, na verdade, naturalmente “cultivadas”. Os dominantes podem ter um uso deliberado ou acidentalmente relaxado do seu corpo, sem que seu corpo jamais seja investido do mesmo valor social que o corpo dos dominados. O que se denomina porte, sofisticação e elegância, por exemplo, é a maneira legitimada socialmente de levar o próprio corpo e de apresentá-lo. Assim, se percebe como um indício de desleixo ou de falta de higiene o fato de deixar ao corpo sua aparência “natural”. O mesmo pode ser pensado sobre o corpo gordo, envelhecido ou “fora de forma”, acrescentaria.

Um dado recente mostra a importância que o corpo adquiriu na cultura brasileira e demonstra como ele pode ser um importante capital. Em 2008, a revista norte-americana Forbes elegeu as 100 celebridades mais poderosas do mundo. Os únicos brasileiros da lista são a modelo Gisele Bündchen, na 66ª posição e o jogador Ronaldinho Gaúcho, na 38ª. Gisele, segundo a revista, faturou US\$ 35 milhões em 2007, enquanto Ronaldinho faturou US\$ 37 milhões. Em outras listas de modelos e jogadores de futebol com o maior faturamento em todo mundo, outros brasileiros e brasileiras estão presentes. Não é à toa que as duas profissões são, atualmente, muito desejadas por meninos e meninas das camadas mais baixas, mas, também, das camadas médias brasileiras.

É dentro deste quadro que analiso a categoria “o corpo” que apareceu na pesquisa quantitativa realizada no universo das camadas médias cariocas. Surpresa com a recorrência desta categoria em uma pesquisa que investigava os valores e comportamentos a respeito de temas como sexualidade, casamento e infidelidade, descobri que “o corpo” é um valor e, também, um verdadeiro capital no universo pesquisado.

O marido como capital: ganhos e perdas do envelhecimento

A partir desta ideia central, passei a refletir sobre o significado do envelhecimento feminino na sociedade brasileira. Em uma cultura em que o corpo é um importante capital, no mercado de casamento, no mercado sexual e no mercado profissional, como as mulheres vivenciam o envelhecimento? Quais os principais medos das brasileiras ao envelhecerem? Qual o significado do envelhecimento em determinados segmentos sociais?

Após uma viagem de dois meses pela Alemanha, em junho e julho de 2007, onde ministrei oito palestras em diferentes universidades com o título “O corpo como capital na cultura brasileira”, iniciei uma pesquisa na cidade do Rio de Janeiro com mulheres na faixa etária de 50 a 60 anos, das camadas médias e altas. Realizei sete grupos de discussão e, também, entrevistas em profundidade, assim como a aplicação de questionários com perguntas abertas.

Já nas primeiras entrevistas constatei um abismo entre o poder objetivo que as brasileiras conquistaram em diferentes domínios (realização profissional, independência

econômica, maior escolaridade, liberdade na vida afetiva e sexual) e a miséria subjetiva que apareceu em seus discursos (preocupação com doenças, excesso de peso, vergonha do corpo, medo da solidão e sensação de invisibilidade). As alemãs, por sua vez, revelaram-se não só muito mais seguras objetivamente, como também subjetivamente. Elas pareceram mais confortáveis com o envelhecimento e enfatizaram a riqueza do momento que estão vivendo, em termos de qualidade de vida e de realizações profissionais, intelectuais e afetivas. A discrepância entre a realidade objetiva e a miséria discursiva das brasileiras demonstra que aqui o envelhecimento é um problema muito maior, o que pode explicar o sacrifício que muitas fazem para parecer mais jovens.

A ênfase na decadência do corpo, na falta de homem e na invisibilidade social é uma característica marcante no discurso das brasileiras. De diferentes maneiras, elas disseram: “Aqueles olhares, cantadas, elogios, tão comuns desde a minha adolescência até os 40 anos, desapareceram. Ninguém mais me chama de gostosa, eles me ignoram. Sou uma mulher invisível”.

Nos grupos de discussão que realizei no Rio de Janeiro, o que mais me chamou atenção foram quatro tipos de ideias, extremamente recorrentes nos depoimentos das brasileiras pesquisadas: falta, invisibilidade, aposentadoria e liberdade.

Um exemplo do primeiro tipo de ideia, a de falta, é o seguinte:

Sei que é o maior clichê, mas é a mais pura verdade: falta homem no mercado. Todas as minhas amigas que estão na faixa dos 50, estão sozinhas. Eu não tenho namorado há um tempão. Meu ex-marido, três meses depois da separação, já estava com uma namorada vinte anos mais nova. Que maluco vai querer uma velha decrépita, ou até mesmo uma coroa enxuta, se pode ter uma jovem durinha com tudo no lugar?

Outro tipo de discurso é o de invisibilidade, como mostra o seguinte depoimento:

Eu sempre fui uma mulher muito paquerada, acostumada a levar cantada na rua. Quando fiz 50, parece que me tornei invisível. Ninguém mais diz nada, um elogio, um olhar, nada. É a coisa que mais me dá a sensação de ter me tornado uma velha. Hoje, me chamam de senhora, de tia, me tratam como alguém que não tem mais sensualidade, que não desperta mais desejo. É muito difícil aceitar que os homens não querem mais transar comigo, que me tratam como uma velha e não como uma mulher. Na verdade, não acho nem que me tratam como velha, simplesmente me ignoram, me tornei invisível.

Algumas pesquisadas se excluem do mercado afetivo-sexual em função de não corresponderem a um determinado modelo de corpo: jovem, magro, sexy. É interessante notar que, apesar de ainda serem assediadas, são elas que se excluem do mercado, especialmente do sexual. Elas usam a ideia de aposentadoria em seus depoimentos.

A última vez que eu transei eu devia ter 50 anos. Tem quem queira, mas eu é que não quero. Me aposentei neste setor. Eu só estou falando que existem mulheres de 50, com corpo despencado, aí junta com hormônio, e aí eu fico broxinha, uma verdadeira aposentada.

Estes três tipos de discursos, que classifiquei como de falta, invisibilidade e aposentadoria do mercado afetivo e sexual, estiveram muito presentes nos grupos de discussão. Eles podem ser vistos como uma postura de vitimização das mulheres nesta faixa etária, que apontam, predominantemente, as perdas, os medos e as dificuldades associadas ao envelhecimento.

Por outro lado, apareceu também, com muita ênfase, nos grupos de discussão que realizei no Brasil, a ideia de liberdade, assim como as ideias de mudanças positivas, conquistas, descobertas, amadurecimento, serenidade, tolerância, sabedoria, aceitação e cuidado maior de si mesma após os 50 anos.

Ah, para mim terminou o tesão. Nunca mais. Não tenho vontade, não me faz a mínima falta. Hoje em dia, a minha paz de espírito é a coisa que eu mais prezo. Não quero me chatear com homem. Eu não sabia ser sozinha. Hoje eu sei. Pela primeira vez na minha vida eu me sinto realmente livre.

Outro dia me olhei no espelho e me achei muito bonita. Estava em casa, sozinha, com uma calça de malha preta, uma camiseta preta, toda bonitinha, combinando. Fui casada a vida inteira, meu marido chegava em casa e eu estava com a pior roupa do mundo: calcinha enorme de uma cor, sutiã de outra, roupas feias e velhas. E mal-humorada, de cara fechada, emburrada, reclamava que ele chegava tarde, pois gostava de tomar um chopinho com os amigos. Sem um sorriso, um carinho, uma palavra doce. Cheguei à triste conclusão que o casamento nos torna o nosso pior. Com a desculpa da roupa confortável, usamos a nossa pior roupa em casa. Coisas que não fazemos com os nossos amigos ou com pessoas que não conhecemos, fazemos com o nosso marido. Até ficar com mau-hálito, ou ser agressiva, fazer cara feia. Depois que me separei, a primeira coisa que fiz foi limpar todo o meu guarda-roupa, dar todas as roupas velhas e feias. Até as calcinhas para ficar em casa são mais bonitas hoje do que eram quando estava casada. Hoje estou muito mais atenta para como eu sou de verdade, busco o meu melhor, não o meu pior. O casamento me fez virar funcionária pública, achava que tinha estabilidade, segurança e não precisava cuidar dele, nem de mim. Agora cuido muito mais de mim, estou mais atenta para as relações que tenho, sou muito mais cuidadosa com os outros. O casamento é um tipo de prisão invisível:

parece confortável, mas vai te destruindo aos poucos, deixando só o lado desagradável. Pena que eu só descobri a liberdade aos 50. Poderia ter sido antes.

A ideia de falta, de invisibilidade e de aposentadoria só apareceu no discurso das brasileiras. As alemãs enfatizaram a riqueza do momento que estão vivendo, em termos profissionais, intelectuais e culturais. Consideram os cinquenta um momento de grande realização e possibilidades, valorizam o trabalho, a saúde e a qualidade de vida que conquistaram. Acham uma falta de dignidade uma mulher querer parecer mais jovem ou se preocupar em ser sexy, uma imaturidade e infantilidade incompatível com a maturidade esperada para uma mulher nesta faixa etária. O corpo, para elas, não é tão importante, a aparência jovem não é valorizada e, sim, a realização profissional, a saúde e a qualidade de vida. Algumas me disseram que não compreendiam por que a mulher brasileira gosta de receber elogios e cantadas na rua. Uma me disse, enfaticamente: “você mesma é que deve se sentir atraente. Você não precisa de ninguém para dizer se é atraente ou não. É muito infantil esta postura. Eu sei avaliar se sou atraente ou não. É só me olhar no espelho. É uma falta de dignidade ser tão dependente dos homens”. Outra me disse que a personalidade é muito mais importante no jogo da sedução do que o corpo. Elas disseram que o que importa é a individualidade, a inteligência e a conversa. Uma das afirmações que ouvi recorrentemente das alemãs foi: “eu sou uma mulher emancipada”, não só economicamente, mas, principalmente, psicologicamente.

Uma das primeiras constatações ao comparar as brasileiras e alemãs pesquisadas, é que a emancipação da mulher alemã, no universo pesquisado, é bastante evidente. As mulheres que estou pesquisando são da geração pós-guerra e pós-movimento feminista. São mulheres que trabalham, independentes economicamente, algumas não têm filhos, escolha tão legítima na Alemanha quanto a daquelas que têm filhos. São casadas com homens da sua faixa etária, são divorciadas ou solteiras.

As brasileiras que pesquisei trabalham ou são aposentadas. Todas são ou foram casadas, todas têm filhos, todas já cumpriram (ou ainda cumprem) o papel de esposa e mãe. Os cinquenta, para algumas das brasileiras pesquisadas, é um momento de libertação do papel de esposa e mãe, para “ser eu mesma pela primeira vez”, frase recorrente no discurso delas. Enquanto emancipação foi a palavra recorrente das alemãs, liberdade foi o que as brasileiras disseram. Há ainda uma outra diferença, a emancipação das alemãs foi uma conquista de toda

a vida, desde jovens. A liberdade das brasileiras parece ser uma conquista tardia, após elas cumprirem os papéis obrigatórios de esposa e mãe.

A frase “hoje eu posso ser eu mesma pela primeira vez na minha vida” foi repetida por muitas brasileiras que percebem o envelhecimento como uma redescoberta, altamente valorizada, de um “eu” que estava encoberto ou subjugado pelas obrigações sociais, especialmente no investimento feito no papel de esposa e de mãe. As ideias de reencontrar-se, reinventar-se, redescobrir-se apareceram muito entre as brasileiras, sempre associada ao fato de fazerem, hoje, as coisas de que mais gostam: estudar, ler, conversar com as amigas, sair sozinha, ter tempo para si mesma, viajar ou, até mesmo, encontrar um novo prazer com o marido assumindo mais os próprios desejos, e não buscando agradá-lo.

Mesmo as que são casadas, sentem-se mais livres após os cinquenta para “serem elas mesmas”. Algumas redescobrem prazeres e vocações deixadas de lado em função do casamento e da maternidade, retomados após os filhos estarem mais velhos.

As alemãs me pareceram muito mais individualizadas e independentes da figura masculina. Elas enfatizaram muito em seus discursos a realização profissional, o respeito e o reconhecimento que conquistaram no mundo do trabalho. Ouvi, durante muitas horas, relatos sobre as disputas que venceram em suas profissões. Já as brasileiras falaram a maior parte do tempo sobre o homem, seja pela presença dele em suas vidas, altamente valorizada e necessária para a sua satisfação, seja para reclamar de sua falta. Um dos fatos que chamou minha atenção foi que as brasileiras falaram pouquíssimo de seus filhos e, menos ainda, de suas atividades profissionais. É interessante destacar que, nos grupos que pesquisei, o fato de viajarem, conversarem com as amigas, saírem sozinhas ou descobrirem uma nova atividade (um curso de filosofia, um curso de pintura ou um grupo religioso) apareceu com muito mais destaque do que os filhos e o trabalho. Poucos foram os momentos em que falaram de seus pais ou mães e mais raros ainda os que falaram de seus netos, apesar de algumas serem avós.

Em minha observação comparativa destes dois universos, as alemãs me pareceram muito mais confortáveis com o seu envelhecimento do que as brasileiras. Observei mulheres que pareciam muito poderosas na Alemanha, objetivamente (em suas profissões e relações conjugais), mas, também, subjetivamente. No Brasil, tenho observado um abismo enorme entre o poder objetivo das mulheres pesquisadas, o poder real que elas conquistaram em diferentes domínios (sucesso, dinheiro, prestígio, reconhecimento, e, até mesmo, a boa forma física) e a miséria subjetiva que aparece em seus discursos (gordura, flacidez, decadência do

corpo, insônia, doença, medo, solidão, rejeição, abandono, vazio, falta, invisibilidade e aposentadoria). Observando a aparência das alemãs e das brasileiras pesquisadas, as últimas parecem muito mais jovens e em boa forma do que as primeiras, mas se sentem subjetivamente muito mais velhas e desvalorizadas do que elas. A discrepância entre a realidade objetiva e os sentimentos subjetivos das brasileiras me fez perceber que aqui o envelhecimento é um problema muito maior, o que pode explicar o enorme sacrifício que muitas fazem para parecer mais jovens, por meio do corpo, da roupa e do comportamento. Elas constroem seus discursos enfatizando as faltas que sentem, e não suas conquistas objetivas.

É interessante observar que tanto no discurso de vitimização quanto no de libertação, dois foram os eixos centrais das brasileiras pesquisadas: o corpo e a relação conjugal, mais especialmente o(s) casamento(s) de cada uma delas. O corpo foi tanto objeto de extremo sofrimento (em função de suas doenças ou decadência) ou de extremo prazer (em função da maior aceitação e cuidado com ele). Os parceiros amorosos foram, também, objeto de extrema dor (alcoolismo, machismo, violência, autoritarismo, egoísmo, abandono, rejeição, faltas) ou de extremo prazer (companheirismo, prazer sexual, cumplicidade).

Diferentemente das alemãs, as brasileiras centram o seu discurso na figura masculina, seja na falta de homem, seja na sua presença. As que se mostraram mais satisfeitas com suas vidas, entre as brasileiras pesquisadas, são aquelas casadas há muitos anos. Mesmo estas, disseram que os homens são mais frágeis, dependentes, acomodados, ingênuos, inseguros, imaturos e infantis. O interessante é que, em quase todos os casos, o marido é o principal provedor familiar, tendo uma renda muito superior à da esposa. Algumas brasileiras disseram que seus maridos ligam vinte vezes por dia para o celular, que eles ficam deprimidos quando elas viajam, ou que precisam delas o tempo todo. Os depoimentos enfatizam que “ele precisa muito de mim”, “ele não sabe ficar sozinho”, “ele precisa de mim para cuidar dele”.

Considerações finais

Ao analisar os depoimentos femininos, é possível constatar que, além de o corpo ser um capital importantíssimo no Brasil, o marido também é um capital, talvez até mais importante do que o corpo nesta faixa etária. Um marido, um casamento sólido e satisfatório,

Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 25, n. 2 - Jul./Dez. 2012 – ISSN online 1981-3082

foi o que as pesquisadas mais valorizaram em seus depoimentos. A sua presença é motivo de grande satisfação. A sua ausência é motivo de infundáveis queixas e lamúrias. Em um dos grupos realizados, uma mulher magra, bonita e com a aparência muito jovem disse que sentia inveja de uma outra pesquisada, por ela ter um casamento de trinta anos. O detalhe é que a segunda era gorda e com uma aparência muito mais velha do que a primeira. A magra disse “Eu tive e tenho muitos namorados, mas não consigo ter um companheiro, um marido. Senti inveja quando você falou do seu relacionamento de trinta anos, eu nunca consegui ter isso, não sei por que”.

Utilizo, então, mais uma vez as ideias de Pierre Bourdieu (2007) para criar um novo tipo de capital, que não teria peso nenhum para as mulheres alemãs, mas que parece ser extremamente importante para as brasileiras. Um capital que chamo de “capital marital”. Ter um marido é um verdadeiro capital para a mulher brasileira. Por outro lado, as brasileiras pesquisadas também parecem poderosas por, além de terem um marido, sentirem-se mais fortes, independentes e interessantes do que eles (mesmo que eles ganhem muito mais do que elas e sejam mais bem sucedidos em suas profissões). Portanto, em um mercado em que os maridos são escassos, principalmente na faixa etária pesquisada, as brasileiras casadas sentem-se duplamente poderosas: por terem um produto raro e extremamente valorizado no mercado e por se sentirem superiores e imprescindíveis para seus maridos.

Em uma cultura, como a brasileira, em que o corpo é um importante capital, o envelhecimento pode ser vivenciado como um momento de grandes perdas (de capital). Em uma cultura, como a alemã, em que os capitais mais valorizados são outros, como o profissional, o científico e o cultural, o envelhecimento pode ser vivido como um momento de inúmeros ganhos e de muitas realizações e, especialmente, de extrema liberdade. Liberdade também muito valorizada, ainda que tardiamente, pelas brasileiras pesquisadas.

Como ressaltou Simone de Beauvoir (1990), “a última idade” pode ser uma liberação para as mulheres, que, “submetidas durante toda a vida ao marido e dedicadas aos filhos, podem enfim preocupar-se consigo mesmas”.

Referências

BEAUVOIR, Simone. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990. 711p.

BOURDIEU, Pierre. A distinção. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. 556p.

GOLDENBERG, Mirian. Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade. Rio de Janeiro: Record, 2008. 221p.

GOLDENBERG, Mirian (Org.). Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. 411 p.